

II. A concepção virginal de Jesus

Nunca pensei que a história da *concepção ou nascimento virginal de Jesus* fosse tão controversa. Essa doutrina tem sido fortemente rejeitada, inclusive por alguns teólogos e pastores; e, ao mesmo tempo, piedosamente endossada pela maioria dos cristãos protestantes e católicos.

A moderna polêmica em torno do assunto começou no final do século XIX. Desde então, os teólogos mais liberais têm questionado ou negado não somente a concepção virginal, mas a própria divindade de Jesus, assim como seus milagres. O avanço da ciência trouxe consigo uma aversão a tudo que é ou parece ser sobrenatural. Como disse o teólogo R. C. Sproul: “*A negação do nascimento virginal geralmente está ligada à negação dos elementos sobrenaturais ou miraculosos das Escrituras.*”

A encarnação do Verbo, o Filho de Deus, preexistente e glorioso, pedia mesmo uma concepção extraordinária, miraculosa, sem precedentes. Vamos ver como Lucas e Mateus contam essa história.

A concepção de Jesus relatada por Lucas

Na Bíblia, como sabemos, o evangelho de Mateus é o primeiro; o de Lucas, o terceiro. Entretanto, o que Lucas relata sobre a concepção de Jesus aconteceu antes do que Mateus conta sobre o mesmo evento.

“Muitos já se dedicaram a elaborar um relato dos fatos que se cumpriram entre nós, conforme nos foram transmitidos por aqueles que desde o início foram testemunhas oculares e servos da palavra. Eu mesmo investiguei tudo cuidadosamente [...]” (Lucas 1.1-4)

Lucas, talvez por ser médico (Cl 4.14), enfatizou mais a virgindade de Maria e a concepção miraculosa do menino Jesus. Ele conta que o anjo Gabriel apareceu a uma virgem *prometida em casamento* a um homem chamado José. Esse compromisso equivalia mais ou menos ao que chamamos de *noivado*. Era uma relação séria que durava um ano, até o casamento. Era tão séria e definitiva que os dois já eram considerados *desposados*, embora morando separados, cada um na casa dos respectivos pais e de modo algum se relacionando sexualmente.

Na ocasião em que o anjo lhe apareceu, Maria não teria mais que quatorze ou quinze anos de idade, pois, na cultura judaica da época, as meninas eram casadas no momento em que estivessem fisicamente aptas para isso, o que, segundo a Lei, era aos doze anos e meio. A jovem morava em Nazaré, um vilarejo insignificante da Galileia, no norte da Palestina. O anjo lhe disse: “*Alegre-se, agraciada! O Senhor está com você [...]. Você ficará grávida e dará à luz um filho, e lhe porá o nome de Jesus. Ele será grande e será chamado Filho do Altíssimo [...].*” Perplexa, Maria perguntou ao anjo: “*Como acontecerá isso, se sou virgem.*” A versão Revista e Atualiza diz: “*Como será isto, pois não tenho relação com homem algum?*”. O anjo então explicou: “*O Espírito Santo virá sobre você, e o poder do altíssimo a cobrirá com a sua sombra. Assim, aquele*



Igreja da Anunciação, em Nazaré. É a quinta igreja construída no local onde supostamente o anjo Gabriel disse a Maria que ela daria à luz o menino Jesus. Esta é a maior igreja do Oriente Médio. Foi Consagrada pelo Papa Paulo VI em 1964 e concluída em 1969.

que há de nascer será chamado Santo, Filho de Deus." A resposta de Maria tem sido lembrada como exemplo maravilhoso de fé e obediência: *"Sou serva do Senhor; que aconteça comigo conforme a tua palavra"* (Lucas 1.26-38).

O *Novo Testamento Interpretado Versículo por Versículo* vê quatro estágios nessa experiência espiritual de Maria. Aproveito os títulos:

- **Perturbação.** A saudação inicial do anjo a Maria foi: *"Alegre-se, agraciada! O Senhor está com você!"* Boas palavras! Mesmo assim *"Maria ficou perturbada"*. Foi preciso o anjo acalmá-la: *"Não tenha medo, Maria, você foi agraciada por Deus"* (vs. 28-30). Em toda a Bíblia, temos inúmeros relatos de aparições de anjos que desceram do céu para cumprir missões divinas. Em muitos casos as pessoas, num primeiro instante, reagiram com medo. Mas os anjos sempre diziam, gentilmente: *"Não tenha medo!"*
- **Perplexidade.** Como vimos, quando o anjo disse a Maria que ela daria à luz um filho, ela perguntou, perplexa: *"Como acontecerá isso, se sou virgem?"* Não duvidou, apenas quis saber como haveria de ser (v.34). Ao contrário de Zacarias, quando o mesmo anjo lhe disse que Isabel, estéril e idosa, teria um filho (v.18). Nas palavras de Maria ao anjo, vemos também um exemplo maravilhoso de castidade antes do casamento, o que, em nossos dias e cultura, é muito raro, senão motivo de pilhéria...
- **Encorajamento.** Maria não pediu prova ou sinal de nada, mas, recompensando sua fé, o anjo a agraciou com um sinal e uma palavra de encorajamento: *"Também Isabel, sua parenta, terá um filho na velhice; aquela que diziam ser estéril já está em seu sexto mês de gestação. Pois nada é impossível para Deus"* (vs.36-37). Em outras palavras: *"Maria, você já tem um milagre na família... Mais um não será problema para Deus, nem mesmo este de que lhe falei!"*
- **Obediência.** Ao final, Maria se dispôs, mesmo consciente de que haveria um alto preço a pagar: *"Sou serva do Senhor; que aconteça comigo conforme a tua palavra"* (v.38).

Nossas experiências espirituais, num primeiro momento, podem envolver perturbação e perplexidade, mas resultarão em bênção. Que ao final, nossa resposta seja sempre a da obediência confiante, custe o que custar.

Um constrangimento sem tamanho

Maria agora tinha um segredo maravilhoso! Naturalmente, queria contar, precisava contar, primeiro ao noivo, depois às amigas. Queria mesmo gritar na praça o que o anjo lhe havia dito. Afinal, muitos esperavam o Filho de Deus, o Messias! Entretanto, a despeito da pouca idade e da euforia do momento, conteve-se, prudentemente. Acreditariam na sua história? Maria imaginou amigas e vizinhas olhando-a com desprezo e dizendo algo assim: *“Um anjo? Há séculos não se vê um... Grávida pelo Espírito Santo? Sem sexo? Essa não, Maria! Conta outra!”*

Além disso, Maria sabia que a traição, mesmo durante o “noivado”, era punida com apedrejamento até à morte! Sua história fantástica poderia custar-lhe a vida! Então, o que fazer? Ah, sim! O anjo dera-lhe uma dica: Isabel, a parenta distante, estava vivendo uma experiência semelhante: uma gravidez impossível... Sim, Isabel acreditaria... E as duas teriam muito que conversar. Naquele justo momento, Maria entendeu que Deus lhe dizia: *“Maria, vai passar uns tempos com Isabel. Ela a apoiará e a ajudará! E você também poderá ajudá-la, pois ela é idosa e está grávida de seis meses.”*

Mas, e José? Como lhe explicar a viagem, a ausência? Maria entendeu que também nisto precisava confiar em Deus e ser honesta com o noivo. Porém, que constrangimento! E que justificados temores! Como José reagiria? Faria melhor que as amigas e o povo da cidade? Acreditaria naquela história de anjo e de gravidez sem relação sexual? Ficaria zangado, decepcionado? Romperia com o noivado? Contaria para os outros, expondo-a à vergonha e à morte? A esperança de Maria era que o *seu homem*, mesmo decepcionado e magoado, não agiria intempestivamente, drasticamente... Surpreso, ressentido, decepcionado, ele pediria um tempo para orar e decidir o que fazer! Imagino que José, passado o susto, disse à noivinha grávida: *“Vai Maria, vai ver Isabel... Me dá um tempo...”*

Maria visita Isabel

Então, a jovencinha grávida foi passar uns tempos com a parenta idosa, também grávida! *“Naqueles dias, Maria preparou-se e foi depressa para uma cidade da região montanhosa da Judeia onde entrou na casa de Zacarias e saudou Isabel”* (Lucas 1.39-40). Lucas não diz onde exatamente moravam Zacarias e Isabel. Porém, uma vez que Zacarias era sacerdote, da tribo de Levi, é bem provável que residisse numa daquelas cidades próximas de Jerusalém e que, nos tempos de Josué, foram destinadas aos sacerdotes levitas (Josué 21.9-11). A principal era Hebrom, 40 km ao sul de Jerusalém e a 152 km de Nazaré, ao norte. É pouco provável que Maria, uma adolescente, tenha viajado sozinha. Teria seguido as frequentes caravanas de peregrinos? O fato é que foi uma longa viagem...

O encontro das duas grávidas - Maria e Isabel - foi absolutamente singular e muito compensador, desde o primeiro momento. Ocasinou palavras e louvores que seriam lembrados pelos cristãos de todos os tempos.

Assim que chegou, Maria abraçou e saudou sua parenta Isabel. Suas barrigas certamente se tocaram, a de Maria, mal aparecendo, a de Isabel, passando dos seis meses. Naquele justo momento, Isabel sentiu que o Joãozinho estremecia no seu ventre, como que profeticamente consciente da presença do Messias, o Filho de Deus! Este

mistério (e que mistério!) afetou profundamente o espírito de Isabel, de modo que, cheia do Espírito Santo, falando alto, com grande empolgação, disse a Maria:

“Bendita é você entre as mulheres e bendito é o fruto que você dará à luz! Mas por que sou tão agraciada, ao ponto de me visitar a mãe do meu Senhor? [...]” (Lucas 1. 41-45).

O Magnificat

Não foi diferente com a própria Maria, em seguida. O momento era sublime. O cansaço da viagem (cinco a seis dias) não a impediu de também transbordar de júbilo, de gratidão e de louvores. O que disse, uma espécie de hino, ficou conhecido em todo o mundo por sua primeira palavra, na versão latina: *Magnificat*, que significa *engrandecer*: *“Magnificat anima mea Dominum [...]”*

“A minha alma engrandece ao Senhor e o meu espírito se alegra em Deus, meu Salvador, pois atentou para a humildade da sua serva. De agora em diante todas as gerações me chamarão bem-aventurada, pois o Poderoso fez grandes coisas em meu favor. Santo é o seu nome. A sua misericórdia estende-se aos que o temem, de geração em geração [...]” (Lucas 1.46-55).

Tão grande e sublime era o seu privilégio, tão elevado o elogio ou reconhecimento de Isabel! Entretanto, Maria não se envaideceu, não se orgulhou! Engrandeceu ao Senhor e se alegrou em Deus, seu Salvador! É evidente que reconhecia os seus próprios pecados e a necessidade pessoal de um Salvador!

O restante do *Magnificat*, ecoando várias passagens do Velho Testamento, principalmente o famoso Cântico de Ana, em 1 Samuel 2.1-10, refere os atos soberanos de Deus contra os soberbos e em defesa dos humildes, a favor de Israel. A juvenzinha de Nazaré conhecia as Escrituras!

“Maria ficou cerca de três meses com Isabel e depois voltou para casa” (Lucas 1.56).

A concepção de Jesus relatada por Mateus

O relato de Mateus é mais voltado para José e sua reação quando soube que Maria estava grávida. Como Lucas, esse evangelista nos diz que José e Maria estavam prometidos em casamento um ao outro, e *“antes que se unissem [ela] achou-se grávida pelo Espírito Santo”* (Mateus 1.18).

Quais podem ter sido os sentimentos e a atitude de José quando soube que sua noiva estava grávida? Certamente ele achou a história de Maria muito estranha, fantasiosa e inverossímil, não tanto pelo aparecimento de um anjo, mas pela gravidez sem relação sexual, sem espermatozóide, por obra do Espírito Santo... Além disso, naquele contexto cultural e religioso, havia muito em jogo: a honra, o casamento e a própria vida de Maria. Que situação!

Mateus escreveu: *“Por ser José, seu marido, um homem justo, e não querendo expô-la à desonra pública, pretendia anular o casamento secretamente”* (Mateus 1.19; Deuteronômio 24.1). Sempre tive uma profunda admiração por José neste particular e também pelo que se seguiu. Quão diferente foi esta sua atitude do que hoje geralmente

acontece quando um namorado trai a namorada ou vice-versa; ou quando marido ou mulher são infiéis! Perdão, bondade, altruísmo e nobreza são virtudes raras em nossos dias! Note-se também como o noivo de Maria lidou com a Lei e a justiça, dando mais importância à misericórdia.

Não sabemos por quantos dias José remoeu suas mágoas e buscou uma solução que resguardasse sua honra e, todavia, não expusesse Maria à vergonha e à morte. Não sabemos por quantas noites revirou-se na cama, sofreu e chorou. Maria passou três meses na Judeia, com Isabel. José teve muito tempo... Mas então, numa daquelas noites, um anjo lhe apareceu, num sonho, e lhe disse: *"José, filho de Davi, não tema receber Maria como sua esposa, pois o que nela foi gerado procede do Espírito Santo [...]"* Imagine o que isto significou para José! Maria não lhe tinha sido infiel! Aleluia! A história dela era verdadeira, divina, maravilhosa! Sua jovem noiva era uma moça de caráter e agraciada como nenhuma outra mulher! Ele podia ir em frente com os seus planos de casamento...

Como se não bastasse, o anjo acrescentou: *"Ela dará à luz um filho, e você deverá dar-lhe o nome de Jesus, porque ele salvará o seu povo dos seus pecados"* (Mateus 1.20-21). As profecias estavam se cumprindo! O Messias e Salvador estava chegando... encarnando-se... no ventre de Maria, sua noiva! E ele seria como um pai adotivo para Jesus! Era demais! Da tristeza profunda ele saltou para uma alegria celestial!

Vale ressaltar que o anjo disse: *"Jesus [...] porque ele salvará o seu povo dos seus pecados"*. Foi para isto que Jesus veio ao mundo! O nome *Jesus* deriva do hebraico *Jeohshua* ou *Jeshua*, que significa "Jeová, o Salvador". Por determinação divina, José deveria dar esse nome ao menino. Isso o identificaria com as profecias messiânicas e anunciaria sua missão no mundo: *"[...] ele salvará o seu povo dos seus pecados"*. Não só o povo de Israel, mas um novo Israel, composto de judeus e gentios de todo o mundo! *"Deus tanto amou o mundo, que deu o seu Filho unigênito, para que todo o que nele crer não pereça, mas tenha a vida eterna"* (João 3.16).

Neste ponto, Mateus interrompe a história propriamente dita para fazer uma observação importante: *"Tudo isso aconteceu para que se cumprisse o que o Senhor dissera pelo profeta: 'A virgem ficará grávida e dará à luz um filho, e lhe chamarão Emanuel', que significa 'Deus conosco'"* (Mateus 1.22-23). Se José ao menos tivesse se lembrado dessa profecia de Isaías 7.14, teria sido mais fácil acreditar na história de Maria... Mas ele só acreditou quando o anjo a confirmou. Então, aliviado, *"fez o que o anjo do Senhor lhe tinha ordenado e recebeu Maria como sua esposa [...]"* (Mateus 1.24-24). Mesmo sabendo que também para ele não seria nada fácil. A sociedade cobra, estigmatiza...

Em seguida, Mateus, por assim dizer, invade a privacidade dos recém casados e conta pra todo mundo: *"[José] não teve relações com ela enquanto não deu à luz um filho [...]"* ou, como traduz a Bíblia de Jerusalém, que é ecumênica: *"Mas não a conheceu até o dia em que ela deu à luz um filho"*. A Bíblia Católica Ave Maria parece amenizar o sentido claro do termo "enquanto" ou "até que". Essa versão diz: *"E, sem que ele a tivesse conhecido, ela deu à luz o seu filho, que recebeu o nome de Jesus"* (Mateus 1.25). José e Maria agora estavam casados; podiam relacionar-se sexualmente se quisessem. E por que não supor que o desejavam, e muito? Seria natural e santo, como Deus planejou e abençoa! Mas José decidiu abster-se do sexo por mais alguns meses, "enquanto" ou "até que" Maria desse à luz o seu filho, que também era Filho de Deus! A propósito, os evangelhos mencionam os irmãos e irmãs de Jesus (Marcos

6.3; Mateus 12, 46-47; 13.55-56; Atos 1.14) e se referem a Jesus como filho “*unigênito*” de Deus (João 3.18) e “*primogênito*” de Maria (Lucas 2.6-7).

A importância da concepção virginal

A concepção virginal de Jesus é importante pelo simples fato de estar na Bíblia e porque foi assim que Deus enviou seu Filho ao mundo. “*Na plenitude do tempo, Deus enviou seu filho, nascido de mulher [...]*” (Gálatas 4.4). Jesus poderia ter vindo como os anjos ou de qualquer outro modo, mas veio do modo como estava profetizado e como está registrado nos evangelhos. Foi deste modo que Deus nos fez saber que aquela criança era especial, como nenhuma outra; era o *Emanuel* (Deus conosco), o Messias, o Salvador. A concepção virginal de Jesus é uma entre outras muitas evidências de sua *plena divindade* e, seguramente, uma entre outras muitas provas de sua *plena humanidade*. É da máxima importância teológica e prática crermos em Jesus como *Deus* transcendente que tudo pode, e como *Homem* que andou por aqui, que “*sofreu em nosso lugar, deixando-nos exemplo para seguirmos os seus passos*” (1 Pedro 2.21). E mais, como aquele que pode “*compadecer-se das nossas fraquezas*” pois “*foi tentado em todas as coisas, à nossa semelhança, mas sem pecado*” (Hebreus 4.15).

Éber Lenz César, 10/12/2017

Se desejar saber mais sobre este assunto, leia meu livro *NINGUÉM NASCEU COMO JESUS*, Vol 1 da trilogia *NINGUÉM COMO JESUS*. Veja no meu blog eberlenzcesar.blog.br